

TERRAS RAIANAS: OS CASOS ESPECIAIS DE BARRANCOS E OLIVENÇA¹

MARIA GIL DE SOUSA*

1. Preâmbulo

Desloquei-me até Barrancos em Julho de 2005. Na Câmara Municipal fui muito bem recebida pela Dr.^a Isabel Sabino, pelo Presidente da Câmara, Dr. António Pica Tereno, e ainda pela Dr.^a Domingas, que me presentearam com treze livros interessantíssimos, quase na sua totalidade editados pela Câmara Municipal de Barrancos; e que me foram indispensáveis para conhecer a cultura e compreender a mentalidade do povo barranquenho; o que confirmei após contacto directo com a população.

O livro de Adelino Matos Coelho, *O Castelo de Noudar*, descreve como este teve relevo na demarcação da fronteira na raia, após as Pazes de Alcanizes, em 1297 entre o Guadiana e a Serra Morena².

Nos Registos Paroquiais compilados por João Cosme residem as provas da coexistência entre portugueses e espanhóis na região de Barrancos. Estes eram, na sua maioria, naturais da região vizinha de Encinasola.

Maria Eugénia Fernandes, professora no Ensino Secundário na vizinha cidade de Moura, assina três livros para crianças (e não só), três obras excelentes, nas quais através do seu protagonista, *Manolito, o Bixarrácu*³ oferece uma panorâmica de toda a sociedade e cultura barranquenhos. É das poucas publicações onde se faz a transcrição do dialecto barranquenho (transmitido de geração em geração, não se ensina nas escolas, apesar de ter havido um projecto – abortado – nesse sentido), falado pelas gerações mais velhas. As aventuras da personagem principal decorrem na região de Barrancos, tendo o leitor acesso a provérbios, canções e gastronomia ligados a eventos

* Professora no ISCAP.

¹ Este trabalho nasceu por sugestão do Professor Honorio Velasco, da UNED – *Universidad Nacional de Educación a Distancia*, que aceitou ser meu orientador de Doutoramento. Meses mais tarde, por motivos que me transcendem, *deu o dito por não dito*. Contudo, já tinha iniciado a minha pesquisa e a simpatia dos povos barranquenho e oliventino merecia que o seu património riquíssimo, mas pouco conhecido, fosse divulgado. É dedicado à minha avó Ana, que recordei muitas vezes enquanto o escrevia.

² “A linha de fronteira na região de Barrancos é rectilínea e apresenta-se como que a delimitar um quadro saliente” (1997:44) Parte do imaginário infantil é a lenda, segundo a qual vive no castelo uma cobra, que é uma princesa moura encantada e que só sai durante a noite. (Fernandes, 2005:3 ss).

³ Miúdo, rapaz pequeno.

tradicionais e ainda à recuperação de lendas (2005:3). Livros muito bem escritos, a todos os níveis.

A temática da descrição pormenorizada das tradições volta a servir de base aos livros de António Oliveira, nos quais se justifica a forte ligação do povo barranquenho às suas raízes.

António Eloy e Isabel Galvão apresentam uma descrição das origens múltiplas do Barranquenho: refugiados de muitas situações, extremenhos, andaluzes e sefarditas. De todos os livros, este é, sem dúvida, o menos isento. Os autores apresentam, na parte final, umas reflexões bastante *exaltadas*, provavelmente escritas durante a polémica que, em 1998, opôs Associações de Defesa dos Direitos dos Animais à realização de touradas “à espanhola” em Barrancos (proibidas em Portugal desde 1928), nas quais acusam os defensores dos direitos dos animais de “fanáticos e intolerantes” (2001:64), manifestando eles pouca tolerância para com quem tem opinião diferente da sua, chegando inclusive a proferir afirmações bastante discutíveis como “animais, que só em mentes delirantes, têm direitos” (2001:81). Exceptuando este pormenor, o livro é um documento bastante importante acerca da cultura barranquenha nos seus aspectos históricos, sociológicos e telúricos.

Já Norberto Franco publica um trabalho muito completo, fruto de uma extensa investigação sobre a história da região, recolhendo ainda diversas opiniões sobre Barrancos. Faz uma incursão pelo campo da Linguística, efectuando um estudo exaustivo sobre o dialecto barranquenho, com diversos exemplos. Leite de Vasconcelos havia – entretanto – redigido um primeiro trabalho de filologia barranquenha, analisando as suas influências portuguesas e espanholas em 1955.

Norberto Franco descreve ainda os usos e costumes da região, detendo-se pormenorizadamente na *Feira de Agosto* e recuando até às origens da tourada (Época Romana). O autor demonstra o seu espírito pluralista publicando textos de opinião contra as corridas de touros, argumentando a seu favor, sem ser insultuoso e concluindo com o factor isolamento de Barrancos e alertando para outras formas de maus-tratos de animais, muitas vezes ignoradas.

Interessante, mas não fazendo parte do meu âmbito de estudo, a pesquisa geológica de J. Piçarra sobre esta região xistosa.

Finalmente, os depoimentos, contidos nas Actas publicadas em 2001 do Congresso que decorreu em Barrancos, subordinado ao tema *A Guerra Civil Espanhola na Raia Portuguesa*, referem que, citando o Presidente da Câmara Municipal de Barrancos, Dr. António Pica Tereno, “recuperar a memória para dar sentido ao futuro”; explicitam que ficou consolidada a existência de solidariedade entre os dois povos – nunca houve rivalidades ibéricas entre barranquenhos e espanhóis – através de vários testemunhos, como o de Ángelez López Pérez, filha do Alcalde de Encinasola, que, aos

sete anos, foi acolhida por uma família barranquenha. Salienta Iva Delgado que Portugal se encontrava “entre dois fogos” [ditadura salazarista e Guerra Civil], mas que venceu sempre a compaixão por quem vivia condições duríssimas e corria o risco de terminar no Campo de Concentração situado a 10 Km da vila de Barrancos, na Herdade da Coitadinha.

Em Setembro fui recebida no Ayuntamiento de Olivenza pelo Alcalde Don Ramón Rocha Maqueda, há 28 anos no exercício desta função; pela Doña Piedad e, ainda, na Biblioteca Agostinho da Silva, pelo historiador Luís Limpo, que me prestou vários esclarecimentos e ofereceu vários livros.

Na brochura *Olivenza: Conjunto Monumental Histórico-Artístico*, o próprio Luís Limpo resume a história de Olivença de forma concisa, mas essencial, terminando com uma apreciação exacta da cidade: “Plenamente espanhola por se sentir nacional dos seus 10 500 habitantes, mas sem renunciar à tradição lusa, Olivença é hoje uma cidade aberta ao futuro, que se orgulha do seu passado, um símbolo de convivência e diálogo entre culturas”.

Gregório Torres Gallego, em *Historia de Olivenza*, para além de oferecer um relato pormenorizado da história da localidade, acrescenta ainda pormenores muito curiosos, como o da proibição do ensino público do português em 1805. Mais recentemente, refere o fenómeno da emigração desde os anos 50 (os solos são pobres 2004:14). À semelhança do que se passava em Portugal, emigrava primeiro o homem, depois a família. As décadas de 80 e 90 são anos de desenvolvimento. Hoje assiste-se ao fenómeno inverso: a imigração⁴, constituindo a comunidade imigrante mais numerosa, a portuguesa, seguida da inglesa, argentina, boliviana e existindo ainda uma pequena comunidade muçulmana.

Florêncio Vicente Castro, no seu *Guía del Museo Etnográfico Extremeño González Santana* (2001) desvenda a origem do nome Olivença: “villa que se alza en un sitio poblado de olivos” ou “*Olim Vincens*” (en outro tiempo vencedora) (2001:35).

O museu, criado em 1982 e situado no edifício do Castelo, apresenta salas com os costumes e ofícios populares e burgueses, como, por exemplo: a agricultura, a forja e os bordados; tendo ainda uma secção dedicada à arqueologia e ao lazer.

⁴ Cerca de 400 cidadãos imigrantes.



Foto 1: Museu Etnográfico González Santana, Olivença.

Carlos Fernández Liesa (2005) em *La Cuestión de Olivenza* (2005) faz uma compilação de textos subordinados ao tema da disputa pelo território entre Portugal e Espanha nos últimos 200 anos, após o contrato celebrado depois da derrota lusa na *Guerra das Laranjas*, transportando-nos para uma época mais recente, concretamente as décadas de 90, quando os então Primeiro Ministros Felipe González e Cavaco Silva acordaram na construção da Ponte Ajuda que liga(va) Olivença a Portugal e foi destruída durante a guerra, mas cujas obras foram suspensas em 1994 por Portugal achar supor este facto a aceitação do carácter hispânico do território.

Em 2003 é criado o *Grupo dos Amigos de Olivença*, que reivindica que Olivença “do ponto de vista legal, continua a ser nossa” (2005:24/25). Do lado espanhol

há quem defenda que “Olivenza es (debería ser) para nosotros una hermosa localidad española y extremeña que tiene la peculiaridad de su pasado histórico portugués y luego está Olivença que es un problema portugués” (Sánchez Amor *apud* Fernández Liesa, 2005:29)⁵.

Apesar destas iniciativas, pouco significativas em termos quantitativos, a questão de Olivença parece ser secundária ou até mesmo estar ultrapassada, como afirma Cajal (*apud* Fernandez Liesa, 2005:31) “difícilmente puede darse marcha-atrás a la historia”. Hoje Olivença é “hija de España y nieta de Portugal” (ibidem:159). Em termos jurídicos, o *Tratado de Badajoz* foi assinado sob coacção, mas é válido à luz do direito (2005:410) e a passividade portuguesa perante esta situação revela uma aceitação clara (2005:415)⁶.

Para além da bibliografia, o contributo espontâneo dos povos barranquenho e oliventino foi essencial para a realização deste trabalho. Aproveito para agradecer muito especialmente a Ana Isabel Caeiro e Asunción Serrano pelo apoio constante que deram no desempenho desta tarefa.

⁵ “En los tratados de límites hispano portugueses de 1864, 1894 y 1926 se solucionaron todas las contiendas, a excepción de Olivenza. Portugal se opuso a delimitar la raya correspondiente a la plaza de Olivenza durante las negociaciones de los tratados de límites, debido a su secular “disputa” e histórica reivindicación sobre un territorio que había estado bajo su soberanía entre 1297 y 1801 – a excepción del periodo de la Unión Ibérica – en que no había fronteras peninsulares y que había sido cedido a España por el Tratado de Badajoz, celebrado tras la derrota lusa en la Guerra de las Naranjas”. (Fernández Liesa, 2005: 21) Inclusive, no World Factbook da CIA, a questão de Olivença está incluída na lista dos conflitos mundiais, junto a outros conflitos sangrentos como os do Ruanda, entre hutus e tutsis. (ibid.: 33).

⁶ A atitude portuguesa relativamente a este assunto sofreu uma evolução. Numa primeira fase, até cerca de meados do século XIX, existiu uma controvérsia territorial. A partir daqui, houve uma mudança de orientação, tendo sido mantida a polémica. (Fernández Liesa, 2005: 409).

2. Barrancos



Foto 2: Estátua dedicada ao touro, em frente ao hotel A Garrocha, situada à entrada de Barrancos

“A Barrancos só se vai de propósito; não é uma terra de passagem, como as outras”, afirma o professor Norberto Franco, no seu livro *O porquê de Barrancos* (2005:30). De facto, a vila, que dista 50 Km de Moura (a estrada que liga as duas povoações foi construída nos anos 30) (*ibidem*), está situada no alto de... uns barrancos! E, isolados, os barranquinhos têm sobrevivido.



Foto3: Vista de Barrancos, a partir da Fonte da Pipa

Inicialmente uma “terra de ninguém”, como classificou o Dr. António Pica Tereno, a ligação a Espanha existiu sempre, havendo registos de casamentos entre pessoas dos dois países (Cosme, 2001:7) que o provam.

A população barranquenha resulta, assim, “de muitas misturas: refugiados de muitas situações, extremenhos, andaluzes e sefarditas” (Eloy e Galvão, 2001:20). A ligação do povo barranquenho à terra é inegável. Antes da *Revolução de Abril de 1974*, os proprietários de terras eram a entidade empregadora existente. A terra era rentabilizada através da agricultura, pastorícia e caça. (Eloy e Galvão, 2001:21).

Após o 25 de Abril, houve ocupação de terras, devolvidas aos proprietários originais aquando da integração europeia, tendo-se registado um aumento no desenvolvimento da ganadaria, um incremento na criação de gado bovino e de porco pata negra (produto de denominação de origem protegida). (Eloy e Galvão, 2001: 22).

Hoje é a Câmara Municipal a principal entidade empregadora. Novamente citando o seu presidente, Barrancos foi “até há pouco tempo uma vila afastada, isolada e esquecida. Desprezada mesmo (...) pelos poderes públicos” (*apud* Franco, 2005:14).

Vila com um património cultural magnífico, possui “características próprias em termos sociais e culturais: o dialecto, (...) as touradas, o Dia de Flores, o Natal” (Tereno *apud* Franco, 2005:27).

CALENDÁRIO DE FESTAS BARRANQUENHO

As festas barranquenhãs mais importantes têm lugar a cada quatro meses. São elas o *Dia de Flores*, a *Feira de Agosto* e o *Natal*.

a) Dia de Flores

Por todo o Alentejo é costume, na *Segunda-feira de Páscoa*, ir para o campo “comer o borrego”. Em Barrancos, esta tradição tem lugar na *Pascoela*. Todas as famílias levam um farnel e passam um dia de convívio, também alargado aos espanhóis da vizinha Encinasola. Aliás, nesta data é homenageada *Nossa Senhora das Flores*, padroeira de Encinasola (Franco, 2005:109).

b) Feira de Agosto

É a festa que mais estimula o povo barranquenho. Assim descreve a professora Maria Eugénia Fernandes o estado de espírito das gentes de Barrancos: “casas caiadas (...) entusiasmo de quem leva o ano a pensar, a trabalhar e a amealhar para aqueles quatro dias do fim de Agosto” (2001:23)⁷.

No final de Julho são divulgados o programa e a comissão de festas. A Câmara fornece apoio financeiro, contribuindo também as receitas provenientes de festas anteriores para o orçamento.

Os dois pontos altos da Feira de Agosto são a Procissão em honra de *Nossa Senhora da Conceição*, no dia 28 de Agosto e as touradas. (Para os mais jovens ainda os concertos e os bailes).

Surpreendentemente, sendo um povo aficionado há séculos, Barrancos não tem praça de touros. No centro da vila, na Praça da Liberdade, é construído, alguns dias antes do início da feira, o *tabuádu* (estrutura de suporte e protecção, com algumas bancadas – sendo os bilhetes para quem se senta nas bancadas caros (Fernandes, 201:26/27).

⁷ Já António Eloy e Isabel Galvão confirmam: “todo o ano se vive para a festa e a sua comemoração, todo o ano se lembra a festa e se imagina a próxima “ (2001:67) E acrescenta Norberto Franco: “Só por motivos poderosos é que um barranquenho deixará de comparecer à feira. Momento de unidade, de confraternização, coesão social e afirmação da identidade” (2005:119).



Foto 4: Praça da Liberdade, onde se realizam as touradas.

As touradas são “à espanhola”, começando com um encerro e terminando com a morte do touro, sendo o único local no país onde a morte do touro em público é permitida – esta foi abolida em Portugal em 1928.



Foto 5: Início da tourada em Barrancos.

b) O Natal

À semelhança do que acontece no *Dia de Flores* e nas touradas da *Feira de Agosto*, o *Natal* é comunitário e tem lugar na Praça da Liberdade. Como descreve Nelson Berjano, ex-Presidente da Câmara de Barrancos (*apud* Fernandes, 2002:3), “o Natal em Barrancos (...) é diferente. O enorme lume na Praça da Liberdade, em redor do qual se reúnem todas as famílias, é uma clara manifestação de unidade e convívio da grande Família Barranquenha, demonstrando a vitalidade da nossa identidade cultural (...)”.

A lenha para o grande lume é obtida e transportada em conjunto⁸ e, após o jantar (geralmente *franganito assado*⁹ – ainda algumas especialidades da região: pinhuate, ganhotes (bolos fritos com mel) e perrunilhas) e a *Missa do Galo*; todos se dirigem para o centro da vila onde convivem e entoam villancicos ao som da

⁸ Existe a tradição de mascarar a cara das crianças que não contribuíram para o Natal. (Oliveira, 2005:24).

⁹ Fernandes, 2005:44.

zambomba¹⁰ (instrumento feito com pele de cabra e uma cana – Franco, 2005:100). Esta tradição é semelhante em Encinasola.

AS TOURADAS

“Pode-se dizer que estas festas são uma tradição de toda a vida... e fazem-se desde que Barrancos existe. Aqui matam-se touros na Praça da Liberdade. Apareçam por cá! São as melhores festas da região!”

Barrancos (Barrancos, Beja) 11.07.06

www.mapadeportugal.net/espectaculos.asp

Como já foi referido, apesar de a morte pública do touro ter sido proibida em 1928, em Barrancos a tourada termina com a morte do touro na praça. Dado o isolamento da vila, tal facto era pouco divulgado.

Em 1998 ocorreu uma grande polémica em torno das touradas de Barrancos. Várias associações defensoras dos direitos dos animais deslocaram-se à vila barranquenha para protestar contra o facto de a tortura e morte do touro constituírem um espectáculo público. O assunto foi bastante mediatizado, dando-se voz a defensores dos direitos dos animais e defensores da manutenção da tradição, foi ainda pretexto para lembrar outros tipos de maus-tratos a animais geralmente tolerados¹¹.

Não sendo objecto do meu estudo argumentar “pró-animal” ou “pró-tradição”, tentarei concluir cingindo-me aos factos: até 1998, o argumento utilizado para manutenção das touradas de morte era que não havia praça de touros, nem os toureiros eram portugueses; a polícia *fazia vista grossa* e assim funcionavam as corridas.

A partir daqui houve, em 1999, um debate na Assembleia da República, sobre como proceder relativamente a este caso especial. A população barranquenha deslocou-se *em peso* até Lisboa, reivindicando a manutenção da tradição.

Inicialmente foi decidido aplicar uma coima bastante elevada. Porém, dado o carácter especial desta situação, considerando o facto de o povo barranquenho ter sobrevivido às suas custas durante séculos, atendendo à proximidade com Espanha (cerca de 400 m), à existência de um dialecto próprio, ...; acabou por ter sido aplicada uma coima simbólica, o que tem permitido, até ao presente, ser o único ponto do país

¹⁰ A este respeito, leia-se Fernandes, 2005:19.

¹¹ A este respeito leia-se Franco, 2005:207 ss.

onde o touro é morto no final da tourada. Contudo, no ano passado (2006) foi notícia na TVE a existência de uma quebra entre os assistentes à tourada.

BREVE REFLEXÃO SOBRE O DIALECTO BARRANQUENHO

O barranquenho é, por norma, trilingue: fala português, barranquenho e castelhano.

Leite de Vasconcelos, o primeiro filólogo português a debruçar-se sobre o estudo deste idioma, descreve-o como “um curioso dialecto popular usado no concelho de Barrancos; tem por base o falar do Baixo Alentejo, modificado pelo extremenho-andaluz, que lhe deu uma feição muito notável”. (1955: 3)

De facto, rara será a família barranquenha que não tenha antecedentes portugueses e espanhóis. Assim, todos os habitantes de barrancos falam, sem excepção, as duas línguas. É um fenómeno curioso: é normal que uma conversa comece em português, continue em barranquenho e termine em espanhol. Do mesmo modo, as gerações mais novas, a partir do momento em que começam a frequentar a escola primária, falam português entre si. Contudo, com os avós, por exemplo, optam pelo barranquenho¹². De salientar é o facto de, embora o português seja adoptado – regra geral – como língua de comunicação – nos lares barranquenhos, a emissora de televisão preferida é a espanhola. As compras também são feitas na povoação espanhola vizinha de Encinasola. (1955:8).

A 17 de Setembro de 1998 é aprovado na Assembleia da República a concessão do estatuto de língua oficial portuguesa ao *Mirandês* (até então dialecto falado no Nordeste do país), que, a partir desta data, passa a ser ensinado nas escolas, existindo alguma bibliografia nesta língua.

Colocou-se, então, a questão de conceder o mesmo estatuto ao Barranquenho, que até aqui é um dialecto oral, transmitido de geração em geração. Porém, esta questão é para a Câmara Municipal de importância secundária (Franco, 2005:64), insistindo na manutenção da sua transmissão oral. Houve alguma tentativa de constituir uma comissão formada por professores, para o efeito de sistematizar e proceder ao ensino da língua. Esta tentativa não teve, até hoje, qualquer desenvolvimento.

Deste modo, não existe literatura em barranquenho, apenas nos livros de Maria Eugénia Fernandes, a avó do protagonista ainda fala dialecto, que é transcrito, como no exemplo: “Tá-ti quietu, bunitu, que te penteyu, para que ehteja mái guapu” (2001:35)

¹² “hablan, por ejemplo, português en el local de trabajo, barranqueño en familia y español con los españoles”. (Victoria Navas *apud* Franco, 2005:60).

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO BARRANQUENHO

De influência espanhola: a rapidez no falar, o betacismo (ausência do som /v/), a aspiração do /s/ e do /r/ (influência andaluza), a alteração dos géneros das palavras (ex: la leche), colocação de pronome antes do verbo ir: me bô [me voy], utilização de me gohta [me gusta]. Ainda a utilização da forma espanhola do nome no trato geral, ainda que no registo civil esteja a forma portuguesa. Ex: Maria das Dores – Dolores.

De influência portuguesa: alguns substantivos (Ex: xapéu (não sombrero), os pronomes: eu, ela, nó, bocedes. A saudação de despedida: Adeu (não adíós) e a ausência de síncope do /d/ na sílaba final entre vogais, como acontece na Andaluzia Ex: Cansado (não cansao).

Não existem regras para a adopção do espanhol ou do português, apenas a observação, atentemos na tabela seguinte:

PORTUGUÊS	BARRANQUENHO	ESPAÑHOL
pedreiro	albanil	albañil
escaravelho	albejouro	abejorro
melancia	açandia	sandía
leque	abanico	abanico
descer	baixar	bajar
vocês	Bocedes	Ustedes
abóbora	calabaça	calabaza
soube	çôbi	supo
fez	fê	hizo
esfregar	fregá	fregar
maçã	mançâ	manzana
a meias	mitá – mitá	mitad mitad
anão	nânu	enano
pinto	pôlhu	pollo
quis	qui	quiso
trouxe	trôci	trajo
raposa	zorra	zorra

(Material recolhido a partir do contacto com barranquenhos e também retirado dos livros de Leite de Vasconcelos e Norberto Franco)

2. 4. “NÃO SOMOS PORTUGUESES NEM ESPANHÓIS, SOMOS BARRANQUENHOS”

O Barranquenho é muito orgulhoso da sua cultura e manutenção das tradições. Seria interessante que fossem dadas a conhecer outras tradições para além da tourada; como a do Natal comunitário e sobretudo que o projecto relativamente ao ensino do dialecto barranquenho fosse recuperado, pois há ainda um património riquíssimo que não se sabe existir.

3. OLIVENÇA

As origens de Olivença remontam à Primavera de 1230, quando, após a reconquista de Badajoz, o Rei Afonso IX de Leão, concede os enclaves de Burguillos e Alconchel à *Ordem dos Templários*, como recompensa pela sua participação na batalha.

A 12 de Setembro de 1278, o Bispado de Badajoz desaloja os Templários de Olivença. No entanto, em 1297, D. Dinis consegue anexar – aproveitando a crise geral de Castela - a povoação de Badajoz à sua coroa, no *Tratado de Alcanizes*¹³. Com este tratado, se restabelece a paz, fixando-se os limites fronteiriços entre os dois reinos. Portugal cede Ayamonte, Esparregal, Ferreira e Valença e recebe Campo Maior, Ouguela, San Felices de los Gallegos e Olivença.

Este tratado muda o rumo de Olivença, nos séculos seguintes. A colonização impulsionada por D. Dinis é tal, que, em breve, Olivença ganha o estatuto de vila, “convertendo-se num enclave português fortificado na margem esquerda do Guadiana”.¹⁴

O rei D. Dinis e os seus sucessores protegem esta povoação contra possíveis ataques, erguendo muralhas.

O século XVI é um século de paz, o que possibilita a construção de monumentos como o *Convento de São Francisco* e as igrejas de *Santa Maria* e de *Santa Maria Madalena*.

Em 1657 Olivença é conquistada por Espanha e devolvida a Portugal com a assinatura das *Pazes de Lisboa*, em 1668.

Restaria a Olivença um século para continuar a pertencer à coroa portuguesa. A situação

¹³ Cf. Limpo, s/d : 1.

¹⁴ Cf. Limpo, *ibidem*.

bélica vigente culmina em 1801 com a *Guerra das Laranjas*.¹⁵ A 6 de Junho assina-se o *Tratado de Badajoz* e Olivença volta à soberania espanhola até aos dias de hoje, embora exista alguma polémica relativamente ao facto de ter havido coerção na assinatura deste tratado e uma associação (*Amigos de Olivença*) que reclama o território para a República Portuguesa. O facto é que Olivença é uma cidade espanhola com fortes vestígios da colonização portuguesa.

Olivença hoje

A Olivença chega-se rapidamente. Dista 11 Kms de Elvas e o convívio entre os dois povos é constante, inclusive, celebrou-se recentemente um *Acto de Convivência* entre as duas localidades, a 3 de Setembro de 2006.

Cidade irmanada com Portalegre, Leiria e Elvas, é bastante semelhante às cidades alentejanas: branca, com ruas estreitas e praças tranquilas.

A língua falada é o castelhano, porém existem estudos do *português oliventino*, falado na região, um subdialecto do português alentejano, mas com superestrato espanhol¹⁶. Algumas das características deste subdialecto são a ausência do ditongo ei – pronunciado - e- e o acrescentar de um - i- quando se pronunciam palavras terminadas em /l/ ou /r/. Ex: “Portugáli”. Ao contrário do que se passa em muitas cidades do Sul de Espanha, não existe aspiração do /s/ nem do /r/ final. O Português é ensinado nas escolas primárias, como segunda língua.

O oliventino orgulha-se de ser espanhol com raízes portuguesas Disse um cidadão de Olivença, com orgulho: “Mi apellido es portugués” .

As festas de Olivença decorrem durante o mês de Setembro e são consagradas à *Virgem Guadalupe* e ao *Senhor Jesus dos Passos*. A procissão sucede no dia 8 de Setembro e as crianças vestem o traje garrido da região. A festa de *São João* foi recuperada há cerca de 15 anos.

¹⁵ Esta guerra de curta duração deveu-se ao conflito entre a França e a Inglaterra pela hegemonia no mundo, utilizando Espanha e Portugal como estados satélites. Espanha foi pressionada por França para invadir Portugal, no sentido de terminar com a aliança anglo-portuguesa, fechar os portos portugueses ao comércio britânico, e abri-los ao espanhol e francês. Em Janeiro 1801 Portugal recebeu um ultimato neste sentido. Quase logo em seguida, em Maio, a guerra é declarada. Portugal contava com um exército menor e, em 18 dias, Espanha domina todo o Alto Alentejo.

A designação “Guerra das Laranjas” deve-se ao facto de dois soldados espanhóis terem colhido ramos de laranjeira, com laranjas e enviado à Rainha Maria Luísa, de Espanha.

A 6 de Junho de 1801, Portugal assina o *Tratado de Badajoz*, que estipulava entre os seus artigos a paz entre ambas as nações, o encerramento dos portos portugueses à Inglaterra e a restituição de Espanha, entre outras localidades, de Portalegre, Castelo de Vide e Campo Maior a Portugal, conservando Olivença e estipulando-se a linha de fronteira entre os dois países pelo rio Guadiana.

¹⁶ A esse respeito leia-se Sánchez Fernández, 2006, *O português raiano: exemplo o de Olivença*, eds. Jordi F. Fernández y Gorka Redondo, Lleungües ignoradas, Vic/Terrassa



Foto 6: Procissão da *Virgem Guadalupe* (Foto gentilmente cedida pelo Alcalde de Olivença Don Ramón Rocha Maqueda)

Olivença possui Praça de Touros desde 1868¹⁷, tendo a época tauromáquica início em Março e término em Setembro. Sendo uma cidade espanhola, a tourada é também “à espanhola”, com toureiros – matadores e o touro é morto na arena, embora por vezes sejam convidados cavaleiros e forcados portugueses. Existe ainda um grupo formado por autarcas portugueses e espanhóis que se reúne regularmente para assistir a touradas nos dois países.

¹⁷ Cf. Torres Gallego, 2004 : 85.



Foto 7: Praça de touros de Olivença.

Dado que a morte do touro não constitui factor polémico em Olivença, esta tradição não é defendida *com unhas e dentes*. Há os aficionados (“me gustan más las corridas aquí, porque se mata el toro al final” - cidadã oliventina), os defensores dos direitos dos animais (“hoy las personas tienen otra sensibilidad” – cidadão oliventino) e, sobretudo, entre os mais jovens, as corridas vão perdendo popularidade: “A mi padre le gustaban, pero ni a mi madre, ni a nosotros – 6 hermanos - nos gustan”, afirmou uma senhora de 36 anos. As camadas mais jovens da população parecem preferir outras formas de diversão, como o convívio nos bares e discotecas: “Hoy aprovechan todo para beber”, disse um oliventino de cerca de 40 anos.

A Revolução do 25 de Abril de 1974 foi vivida com grande entusiasmo pelo povo de Olivença, ainda sob ditadura franquista. Algumas pessoas, que o puderam fazer, deslocaram-se até Portugal, nessa época.

Actualmente, constitui motivo de preocupação a vaga nacionalista e separatista que invade Espanha. Conscientes do património e das condições de vida entretanto adquiridas, causa algum receio a possibilidade de regressar a uma época com condições de vida menos favoráveis. “Los últimos 30 años han sido años de desarrollo y ¿qué quieren hacer ahora?”. Tal facto, levou uma senhora a desabafar “Si España se divide, me voy a Portugal, al menos allí son todos portugueses”.

2. Pues si ya fue hace tantos años...¹⁸

Sendo uma cidade pequena, Olivença tem um vasto e importante património cultural e, como acontece, regra geral, por todo o território espanhol, orgulhosamente bem cuidado. O *Museu Etnográfico González Santana*, reúne, no que outrora foi o *Castelo de Olivença* colecções de cerâmica (arqueológica e mais actual) e ainda artefactos utilizados na agricultura e na vida comum de Olivença.

Do ponto de vista religioso, destacam-se os conventos franciscanos e, sobretudo, a *Igreja de Santa Maria Madalena* que, inspirada no *Convento de Jesus* e na *Sé de Elvas*, os supera na sua beleza, com as suas colunas torcidas, semelhantes aos mastros de um navio (foi construída no início do século XVI, em plena época de *Descobrimientos*).

¹⁸ Comentário de cidadã oliventina a propósito da cedência de Olivença à coroa espanhola.



Foto 8: interior da Igreja de Santa Maria Madalena

De estilo manuelino é igualmente a fachada do *Ayuntamiento*. O *Palácio dos Duques de Cadaval*, funciona como Câmara Municipal desde a segunda metade do século XVIII. A calçada e a fonte diante do mesmo denotam influência portuguesa.



Foto 9: Fachada da Câmara Municipal/*Ayuntamiento*



Foto 10: Pelourinho

Finalmente, a *Biblioteca Agostinho da Silva* é uma fonte de informação indispensável a saber ser utilizada pelas gerações futuras.

3. BARRANCOS E OLIVENÇA

Comparar Barrancos com Olivença - a vila mais espanhola de Portugal com a cidade mais portuguesa de Espanha - resulta tarefa difícil. A mistura de influências portuguesa e espanhola é constante. No entanto, são localidades completamente distintas.

As semelhanças estão ligadas ao aspecto telúrico, à ligação ao campo, à criação do porco preto de bolota, ao predomínio do branco na pintura/no caiar das casas e à arquitectura¹⁹.



Foto 11: Rua de Olivença.

Contudo, tal como aconteceu a nível geral em Espanha, que tendo-se libertado do regime ditatorial dois anos mais tarde do que Portugal; conseguiu um desenvolvimento bastante superior ao luso; Olivença é uma cidade, logo mais desenvolvida.

Não se pretende, todavia, com esta afirmação desprestigiar o povo barranquenho, que tendo sobrevivido pelos seus próprios meios, cuida o seu património de forma exemplar, existindo, mais recentemente, ampla publicação por parte da Câmara Municipal, assim como uma enorme preocupação cultural na manutenção das suas tradições. Curioso é o facto de, em termos de folclore, as *Sevilhanas* (dançadas por jovens mulheres) serem tão populares quanto o *Cante Alentejano* (cantado por homens).

¹⁹ Barrancos é mais acidentada: “Subir e descer, subir e descer, assim são as ruas em Barrancos” (Jovem de Moura).

Existe em ambas as regiões a fala de um dialecto (em Olivença subdialecto) objecto de estudo, mas ainda não sistematizado, nem ensinado nas escolas.

Em ambas as localidades, a relação com o país vizinho é constante e muito boa. Destaque-se que, desde o final de 2006, com o encerramento da maternidade em Elvas, são bastantes as mães portuguesas que optam por ir ter os seus filhos a Badajoz, fazendo algumas questões de lhes dar também a nacionalidade espanhola. Barrancos não possui igualmente hospital, mas, estando situado mais perto de Espanha, as barranquenhãs têm as crianças em Beja, mesmo distando a cidade cerca de duas horas em transporte.

Barrancos possui escola secundária desde 1987. Até aí, os estudantes tinham que se deslocar à vizinha cidade de Moura, que dista 50 Km. Em Olivença há estabelecimentos de ensino secundário, apenas não de Ensino Superior, que existe na vizinha Badajoz.

Ambos os povos são católicos, mas não praticantes na sua maioria. Como curiosidade, em Olivença os sacerdotes não usam o traje religioso fora da igreja.

As touradas são “à espanhola”, mais apreciadas em Barrancos do que em Olivença. Se aqui as opiniões divergem, em Barrancos não consegui encontrar ninguém que não gostasse ou, pelo menos, fosse indiferente à corrida tauromáquica. Mesmo um cidadão de 50 anos, nascido em Barrancos mas a viver em Moura desde os 2 (no entanto, ainda conhecido como *Paco*²⁰ *Barranquenho*), disse apreciar muito a tourada, ir ver sempre que lhe é possível, e preferir as que terminam com a morte do touro. Suponho que esta atitude resulta não só da polémica de 1998, como também de, em épocas passadas, de grande necessidade, ser a única vez no ano que muitas famílias comiam carne (de touro)²¹.

A nível gastronómico, o gaspacho é apreciado em ambas as zonas. No entanto, é preparado de forma diferente: em Barrancos à alentejana²², em Olivença à extremeña/andaluza²³.

Com as suas semelhanças e diferenças, as duas regiões são detentoras de uma cultura muito rica e interessante. Relativamente ao carácter da população, Norberto Franco defende que “O que Barrancos sempre quis (...) foi que a deixassem em paz, sossegada e discreta” (2005:413). No entanto, não considero o

²⁰ Nome fictício.

²¹ Cf. Eloy e Galvão, 2001: 44.

²² Alho pisado, sal, tomate esmagado pelado ou aos bocados, pepino picado, azeite e vinagre. Pode ser acompanhado de peixe frito ou carnes frias, segundo uma cidadã de Moura, dependendo das possibilidades económicas.

²³ Os ingredientes são os mesmos, mas são triturados, de modo a formar uma sopa fria.

povo barranquenho fechado, pelo contrário, orgulhoso em dar a conhecer a sua cultura.

O mesmo sucedeu em Olivença. No que toca à questão territorial, termino com uma frase de Luís Limpo “Pronto que tarde, el silencio necesario, prudente y politicamente correcto, de los gobernantes, pueda dar el paso al necesario diálogo, franco y sin tapujos, de los intelectuales”. (*apud* Fernández Liesa, 2005:29/30).

BIBLIOGRAFIA:

GERAL

- BAJO ÁLVAREZ, Fé (2005), *Historia de España*, Madrid, SGEL
- LÒPEZ MORENO, Cristina (2005), *España Contemporánea*, Madrid, SGEL

BARRANCOS

- COELHO, Adelino de Matos (1997), *O Castelo de Noudar – Fortaleza Medieval*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos
- COSME, João (2001), *Fontes para a história de Barrancos – Registos paroquiais 1674 – 1704*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos
- ELOY, António e GALVÃO, Isabel (2001), *Barrancos, resiste!*, Lisboa, Colibri
- FERNANDES, Maria Eugénia (2001), *Manolito, o Bixarrácu na Fera de Agohtu*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos
- _____ (2002), *Manolito, o Bixarrácu, e o Presépio Encantado*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos
- _____ (2005), *Manolito, o Bixarrácu e o Cahtelu de Noudá*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos
- FRANCO, Norberto (2005), *O Porquê de Barrancos: a Cultura, a História, os Touros, o Direito*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos
- OLIVEIRA, António F. C. (s/d), *O Natal em Barrancos*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos
- _____ (s/d), *Carnaval em Barrancos*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos
- _____ (s/d), *Páscoa, Flores e Santa Cruz*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos
- PIÇARRA, J. M. *et alii* (2001), *Breves apontamentos sobre a geologia na região de Barrancos*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos
- REGO, Miguel (org.) (2001), *A Guerra Civil de Espanha na raia portuguesa*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos

- VASCONCELOS, J. Leite (2000), *Filologia Barranquenha – Apontamentos para o seu estudo*, Águeda

Links:

- NAVAS, Maria Victoria (1997), “Transferências morfológicas del castellano a un dialecto de base portuguesa, el barranqueño”, in *Revista de Filosofia Românica*, nº 13, (págs 253 – 266), Universidad Complutense de Madrid
- VIUDAS, António Camarasa, “Hablas de Extremadura en la red”, www.galeon.com/lenguasdeextremadura/barranquenho/barranquenho.htm

OLIVENÇA

- FERNÁNDEZ LIESA, Carlos R., (2005), *La cuestión de Olivenza*, Valencia, Titant lo Blanch
- LIMPO, Luís Alfonso, (s/d), *Olivenza – Conjunto Monumental Histórico – Artístico*, Olivenza, Ayuntamiento de Olivenza
- _____ (2000), “Pasado, Presente y Futuro de una iniciativa transfronteriza” In REY VÁSQUEZ (et alii), *Catálogo de la Biblioteca del Centro de Estudios Ibéricos Agostinho da Silva*, Badajoz, Imprenta de Diputación de Badajoz
- TORRES GALLEGO, Gregório, (2004), *Historia de Olivenza*, Badajoz, Edición de Autor
- VEGA, Jaime y GONZÁLEZ, José (2005), *Oliventino/as*, Olivenza, Tajo Guadiana
- VICENTE CASTRO, F. (et alii) (org.) (1994), *Identidad y Fronteras Culturales: Actas del II Congreso de Historia de la Antropología Española*, Olivenza, Badajoz
- _____ (2001), *Reviviendo el pasado: guía y catálogo del museo etnográfico extremeño González Santana*, Salamanca, Europa Artes Gráficas

Link:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_das_Laranjas

CD: *Olivenza, un paseo visual*, Manuel Rodríguez Valverde, Julio Silva Suárez